

## **Mesa Redonda do XIII EEMU - 2020**

**Cristina Tourinho - UFBA**

### **O profissional da música e o ensino coletivo de instrumento – estratégias para o professor de violão**

Ensinar coletivamente exige do professor algumas habilidades para lidar com as diferenças do aprendizado individual dentro de uma turma. Ainda que selecionados (ou não) por terem características semelhantes (idade, habilidade, leitura), durante o curso fatores variados podem acarretar diferenças no aprendizado. Partindo de suas extensas trajetórias pessoais com o ensino e a reflexão sobre o ensino coletivo de instrumentos, as palestrantes desta mesa colocam em discussão as especificidades e os desafios a serem vencidos na formação e atuação do professor de música que trabalha nesse contexto.

O ano de 2020 está sendo uma grande oportunidade de aprendizagem. A despeito dos problemas que estamos enfrentando, isolados em casa, temos a oportunidade de reelaborar as nossas ações, apresentando-as sob uma nova perspectiva, que pessoalmente estreio nesta apresentação. Apesar de ter trabalhado com Educação Musical a Distância nos cursos de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008-2012) e na Universidade de Brasília, montar uma fala sem ter uma plateia presente em nenhum instante torna esta experiência muito diferenciada daquela de montar um curso com postagens semanais e que, trazem um retorno, ainda que de forma virtual. Quando falamos em público, a energia que emana do ambiente, os olhares e sorrisos, a conversa que antecede e sucede as mesas são indicadores importantes da ressonância do que estamos pensando em voz alta.

Gostaria de agradecer o convite da equipe da UNICAMP e a gentileza da Profa. Silvia Nassif. Fiz meu pós-doc na UNICAMP e morei de setembro a dezembro de 2012 em Barão Geraldo. Sou muito grata por esta convivência e oportunidade. Quando pensei no que falar, resolvi que faria algo bem direto e voltado para o trabalho cotidiano de jovens professores que a cada dia são mais e mais requisitados a ensinar de forma coletiva, muitos ainda oriundos do sistema tutorial. Por este motivo, quero aproveitar a oportunidade para falar de

forma prática e direta, mas lembrando que é indispensável conhecer a bibliografia disponível. Para nossa sorte, dispomos de material de qualidade editado pelas associações de pesquisa em música, pelos projetos sociais (ênfase no Guri e seu material didático disponível gratuitamente) e nos Anais do Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical (ENECIM).. Está disponibilizado neste texto e material de estudo e bibliografia. Também aconselho a participação em grupos de ensino coletivo disponíveis no Whatsapp, que disponibilizam material e troca de experiências. Portanto, vou dividir esta exposição em dois lugares: o ensino coletivo para os estudantes da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia e as experiências de ensino coletivo de violão na comunidade do Alto das Pombas, ambos em Salvador. Neste segundo projeto vou complementar as informações na Oficina de Violão. Todo este processo começou com minha inquietação, em 1989, quando na UFBA todas as aulas eram tutoriais e a cada início de ano, ficavam centenas de pessoas querendo uma oportunidade para ingressar nos cursos de extensão da UFBA, mas esta é uma estória longa e vai ficar para outra oportunidade.

Vou falar aqui da minha experiência como professora de violão, pensando nos últimos cinco anos de trabalho, uma vez que tive a oportunidade de atuar tanto na Universidade Federal da Bahia quanto em um projeto de extensão da própria universidade em um bairro de classe média baixa de Salvador. São dois universos completamente diferentes e ambos desafiadores. Na universidade pública nos deparamos com jovens adultos que estão estudando para serem agentes multiplicadores. Conseguiram concluir o Ensino Médio e escolheram uma profissão, tem em vista uma carreira, sonhos e ambições. Na UFBA temos a sorte de contar com uma equipe de violão afinada e, sobretudo, amiga. Isto nos permite, a cada um de nós professores, nos dedicar especificamente ao que gostamos de fazer. Gosto de pensar que as pessoas aprendem a tocar por muitos motivos, e nem sempre graduar-se em música é dedicar-se ao instrumento sendo um solista. Durante os 37 anos que dei aulas, aprendi que bons músicos podem ser professores, regentes, luthiers, compositores, arranjadores. Que não existe a dicotomia “clássico x popular” apenas. E que as oportunidades fazem surgir possibilidades de escolhas. O bom mesmo é poder viver de forma plena com a música e seu instrumento. Assim, fui fazendo as

minhas escolhas profissionais durante os anos de trabalho. Nos últimos anos dei somente aulas coletivas de instrumento. Aprendi a trabalhar com grupos diversos e habilidades distintas, mas principalmente com alunos que estavam iniciando o aprendizado de violão ou mesmo que tocavam há algum tempo, executando um repertório de média dificuldade, mas que não cursavam o Bacharelado.

Por este motivo, escolhi me dedicar a disciplina que chamamos na UFBA de “Instrumento Suplementar”. Esta disciplina é cursada por todos os estudantes de graduação que são obrigados a escolher um instrumento harmônico. Na UFBA é obrigatório cursar piano ou teclado suplementar pela necessidade de realizar os exercícios de harmonia. Mas muitos já entram tocando um pouco de violão, porque é um instrumento de preço acessível e que pode ser transportado com facilidade. Os níveis de habilidade são, no entanto, muito diferenciados. Alguns tocam apenas alguns acordes, sem relacionar com a leitura musical, podem também não tocar violão. Nos últimos anos aceitei estudantes de todo e qualquer curso da UFBA, mas, principalmente, os de Licenciatura em Música, outros instrumentos (cordas, sopro, percussão, canto), do curso de Música Popular e também do Bacharelado Interdisciplinar (BI). Mais raramente, mas com alguma frequência, vieram alunos de outras áreas, Engenharia, Medicina, sendo igualmente aceitos.

É um desafio para o professor conciliar tantas experiências distintas e também com os diferentes níveis de aprendizado e dedicação de cada indivíduo. Lidamos com muitos conceitos errôneos e arraigados, como o que “é preciso ter dom”; alguns se matriculam porque acham que “vai ser fácil, não precisa estudar muito”... Cabe ao professor um planejamento bom e uma atitude muito clara ao expor o programa e objetivos da disciplina. Na aula coletiva é importante que o professor tenha consciência de que o aprendizado e o desenvolvimento são individuais e dependem tanto do conhecimento prévio e habilidade motora quanto da dedicação e estudo. Na UFBA não é possível “nivelar” as turmas, isto é, separar por horários quem toca de quem não toca. O universitário de hoje trabalha, estuda, tem família e filhos. Na UFBA os cursos acontecem com

disciplinas nos três turnos, embora mais concentrados no matutino e vespertino. Durante anos tentei fazer nivelamentos e depois do insucesso, desisti. Passei a deixar os horários no Departamento e limitava o número de alunos a seis por aula de 100 minutos semanais. As salas de violão, pequenas, não comportam mais que isso e além de mim sempre tinha alguém estagiando ou observando. Os instrumentos são em número limitado, bem como os apoios de pé e estantes. Dessa forma, precisei me adaptar.

O que une uma turma de Instrumento Suplementar é que todos estão cursando a graduação. Possuem prazos para conclusão do curso e sairão com um diploma de nível superior. Portanto, cabe ao professor fazer um curso organizado e muito claro quanto a conteúdo, objetivos e prazos. A primeira coisa que faço é reunir todos em um e-mail único e montar um grupo de Whatsapp a cada semestre. Isto é facilitado pelo Departamento após a matrícula, que disponibiliza cadernetas com e-mail de cada estudante matriculado, on line, diretamente para cada professor. Após o término da matrícula e antes do início letivo, costumo enviar uma mensagem de boas vindas junto com uma ficha de sondagem logo no primeiro contato. Além dos dados pessoais, é importante saber quem toca, o que toca, se lê ou não partitura, se lê cifras, tablatura e o que espera alcançar no fim do semestre. A partir destes dados, monto o programa, que tem ementa, justificativa, objetivos, conteúdo, cronograma e bibliografia, tudo resumido em uma página. Envio para todos e dou um prazo para dúvidas e sugestões. A primeira atividade é trazer uma peça na primeira aula, pode estar de memória ou não. Como na UFBA existe prova de habilidade específica, todos tem algum conhecimento de leitura musical e tocam algum instrumento, ainda que não toquem violão. Para estes, o desafio é trazer também uma peça muito simples com leitura. Anexo material disponível na internet como o Delcamp, v1, (2009) ou Thorlakson ([www.eythorlaksson.com](http://www.eythorlaksson.com)) e ainda sites que ensinam peças de música de mídia com dois acordes.

No primeiro dia de aula peço que tragam os instrumentos. É necessário ter um violão em razoável estado, que afine e possa ser usado. No primeiro momento me apresento, toco um pouco, peço que cada um fale de si e toque

também. Mesmo quem não toca nada deve ter feito alguma tentativa, uma vez que existem hoje muitos recursos disponíveis para alguma aproximação, cujo link disponibilizei no primeiro contato. Apresento o programa, discutimos o cronograma (feriados e viagens), ressalto meu rigor com a presença obrigatória e o compromisso com uma apresentação pública no final do semestre. Pode ser assustador para quem não toca enfrentar esta perspectiva. Justifico a exigência dizendo que em nível profissional aprendemos para tocar para alguém. E levar 15 aulas e não aprender nem uma peça simples que possa ser apresentada é um aproveitamento baixo demais. O desenvolvimento é individual apesar de ser uma aula coletiva, cada um deve se desenvolver.

Uma caderneta é aberta e todos assinam a presença, recomendo que o professor não deva colocar falta ou presença. Apenas risca o espaço de quem não assinou. A caderneta é importante, uma vez que os alunos terão acesso sempre quando quiserem consultá-la. A cada quatro aulas cada estudante recebe uma nota e um comentário curto acerca do seu desempenho. Um mesmo numeral pode ter muitas interpretações e é importante que o estudante saiba como está se desenvolvendo perante o juízo do professor. Acertados estes detalhes organizacionais, partimos para o trabalho musical (Swanwick, 2003).

As aulas vão estar divididas em cinco eixos, sendo três atividades meio e duas atividades fins. Como atividades meio teremos : 1) técnica básica; 2) leitura a primeira vista; 3) improvisação. Como atividade fim, será exigido o preparo de: 1) pelo menos duas peças individuais solo e 2) uma peça em conjunto. Passaremos em seguida a detalhar a concepção que tenho de cada uma das atividades:

**Técnica Básica** - é toda e qualquer orientação para se posicionar bem e extrair um som limpo. Sentar, apoiar o instrumento nas pernas, alternância de dedos da mão direita, mudanças entre acordes, cuidado com as unhas, escalas e arpejos básicos são exemplos. Um bom auxiliar para o professor são exercícios propostos por Käppel (2016), bem como as Escalas de Segóvia e as 12 primeiras fórmulas de arpejos de Carlevaro, todas disponíveis na internet em pdf. Evidente que o professor deve fazer uma compilação deste material e informar aos estudante a fonte original, caso alguém deseje ver o material na íntegra. Evite

apresentar material técnico de alto nível de complexidade, bem como exigir o que a maioria não fará. Gosto de presentear os meus estudantes com lixa e lixa de papel e fazer sessões de como cuidar das unhas.

**Leitura a primeira vista** – trata-se de poder executar uma sequência de notas e/ou acordes cifrados que não foi estudada antes. Esta sequência deve ser sempre tonal e de preferência muito mais fácil do que a peça do repertório. A leitura de uma peça muito simples deve ser semanal, uma peça inédita. A depender do nível da turma, os que estão começando a ler podem dizer o nome da nota ou podem tocar apenas a primeira nota de cada compasso, mantendo o pulso. Aconselho a se começar pelas cordas agudas sem ultrapassar o pentagrama, e dar ênfase a melodias de quatro compassos a oito compassos, separando a dificuldade rítmica da melódica é a princípio. Quem não tocou nada leva a primeira vista como estudo para trazer na próxima semana, quem já lê recebe uma peça com duas vozes e os outros acompanham com uma cópia.

**Improvisação** – poder pensar em um resultado musical sem se importar com a leitura é muito estimulante. Muitos estudantes tocam sem a menor preocupação técnica e desconhecem a leitura, fazendo boas improvisações. Estimule quem faz e mostre possibilidades de improvisar melodias tonais com dois acordes, com a sequência ii7- V7 - I7 e vi7 ou blues de 12 compassos. Esta atividade pode ser feita em diversas tonalidades, combinando com o estudo de escalas ou trechos de cinco notas em posição fixa.

**Repertório solo** – é importante que cada um prepare pelo menos duas peças solo até o final do semestre, não importa o nível de dificuldade, e que possa apresentar pelo menos uma delas na audição pública do final do semestre. Cada um vai poder acompanhar ou mesmo copiar as peças solos de todos os colegas, montando um álbum de repertório para apreciação e nestas horas a aula transforma-se em master-class. Explique de maneira clara para um e faça com que os outros participem, opinem e apreciem. Estes momentos serão importantes também para dessensibilização perante uma plateia. Pode-se ensinar a entrar num “palco”, agradecer os aplausos, e tocar sem parar do começo ao fim da peça, retomando de onde errou sem voltar ao princípio. A peça não pode ser nem fácil demais e nem difícil demais, tem que se consistir em um desafio realizável. Por vezes precisamos insistir com os alunos que querem tocar

algo fora do seu alcance ou outros que escolhem peças fáceis demais para não precisar estudar.

**Repertório em conjunto** – Sempre permito que a turma escolha a peça de conjunto, mas oferecendo sugestões. Incentivo a formação de duos e trios avulsos, de peças autorais, de duos com outros instrumentos, não diferencio música cifrada de música escrita na partitura, e às vezes eles próprios mesclam estas possibilidades. Tocar em conjunto desenvolve a escuta interna, o equilíbrio entre as vozes, a dinâmica e a agógica.

O resultado foi muito recompensador, embora diferenciado. Em alguns casos, tivemos espaços lotados, com divulgação feita com cartazes coloridos impressos, presença de emissoras de Tv para filmagem. Muitos estudantes se envolvem para transformar a apresentação em um show.

Outro trabalho que desenvolvi de 2016 a 2019, que ainda não pode ser retomado em 2020 foi no Bairro do Alto das Pombas, no centro de Salvador. Próximo a Escola de Música, apenas três pontos de ônibus depois da Reitoria da UFBA e mais uma caminhada de 500 m, é um bairro de praticamente uma rua única asfaltada, estreita mas de mão dupla, ladeada de inúmeras vielas que descem para ambos os lados da rua asfaltada. Esta é uma comunidade de pessoas fortes e decididas e possuem uma associação, o Grupo de Mulheres do Alto das Pombas (GRUMAP), que gerencia a vida cultural do bairro. O GRUMAP promove encontros para discutir e debater assuntos como identidade racial, drogas, letramento e muitos assuntos que possam promover o crescimento intelectual dos moradores.

Passei a fazer aulas de violão para um grupo grande, cerca de 10 ou mais pessoas por vez, a maioria crianças a partir dos 8 anos até adolescentes com 18 anos. A experiência com estas pessoas me levou a repensar como ensinar música fora do contexto universitário, o que é uma realidade para muitas pessoas que dão aula. O bairro, apesar de central, é de classe média baixa. A experiência de aprender música sem o contexto de uma escola, é bem diferente. Em uma escola de música, se respira todo o tempo muitos timbres e cores, distinto de quando se praticamente se vai para uma “ilha” por apenas duas horas por semana. O repertório faz uma grande diferença, o ponto nevrálgico, o que pode afastar de vez ou estimular as pessoas. Outro ponto muito importante ainda

a respeito da motivação é como introduzir a leitura musical sem que seja uma atividade desinteressante. Estes eu considero o maior desafio, completamente dissociado do interesse de aprendizado de um adulto jovem que escolheu um curso de graduação em música.

Os meus jovens estudantes em sua maioria vivem em casas apertadas, modestas, estão em escolas públicas, nem sempre possuem um instrumento próprio. Enfrentam problemas familiares com seus protetores, inclusive bebidas e drogas. Quando nos interessamos por alguma atividade somos levados pela curiosidade e pelos modelos que temos a nosso alcance, então a atenção para o tipo de repertório e o planejamento de atividades sequenciadas precisam ser cuidadosos. No primeiro contato, depois que o GRUMAP encerra as inscrições, me apresento, toco um pouco e pergunto sobre o que ouvem, tocam e qual a perspectiva para o curso. Este passo, semelhante ao que faço por escrito na UFBA, precisa ser verbal e muito estimulado. Sentamos em círculo e me coloco sentada, procurando estabelecer o maior contato visual possível com todos. Pergunto o que gostam de escutar, se tem alguém que toque em casa, o que gostam de ouvir. Como ainda não devo filmar para não causar estranheza, ou um aluno da UFBA segue tomando notas ou preciso confiar em minha memória. Tenho uma aula programada cujo objetivo é ensinar uma música na primeira aula, pois uma pessoa que não toca nada quer TOCAR! E assim, procuro que ao fim dos nossos 90 minutos eles saiam com uma peça musical para estudar em casa. Os passos de como fazer as primeiras aulas vou fazer na Oficina de Violão, vejam a programação no site. Será Poderemos depois interagir e experimenta ao vivo, não deixem de trazer o violão (afinado em 440) para junto do computador.

As aulas para um grupo bastante heterogêneo como esse devem ser cuidadosamente planejadas. Começo sempre com música popular brasileira e com uma levada muito simples. O grupo senta em círculo e depois que afinamos (razoavelmente) os violões, podemos começar. Não uso afinador nunca nesta primeira aula, apenas minha experiência em afinar violões que, na verdade, não afinam. Mas coloco como prioridade tocar uma peça, que tenha um acorde (Sossego, Tim Maia) ou dois acordes (Preta Pretinha, Moraes Moreira) ou outra qualquer, vou indicar material e sites. Quais as dificuldades para um iniciante?

a) fazer uma “Levada”; b) Conseguir tocar e ao mesmo tempo e c) Mudar de um acorde para o outro. Insisto fazendo repetições não exaustivas, sempre buscando uma repetição não linear. Um grupo canta enquanto outro toca. Um grupo toca um acorde enquanto outro toca o outro e vou regendo as mudanças. Alterno entre os primeiros exercícios de musicalização (ordenação de notas) sobretudo descendentes, faladas e/ou cantadas. É bom alternar com movimentos corporais, para que entendam quando “sobe” ou “desce. E a turma sai com uma letra escrita, o nome das cordas do instrumento, o desenho do braço e a possibilidade de tocar uma peça.

Construímos então um repertório de músicas com os mesmos dois acordes, isto é, mesmo conteúdo com material diferente porque no fim do primeiro mês teremos o “Sarau do Pombal”, um evento em praça pública que reúne várias expressões artísticas: música, poesia, dança, teatro, coral... a cada quatro semanas tem apresentação. Depois que aprendem a mudar dois acordes (geralmente T e D), insiro a S. A alternância i-m vai sendo apresentada em pequenas melodias de até cinco notas nas 3 primeiras cordas. E continuam os exercícios de musicalização, sempre alternando com tocar. Não existem, provas, exames, reprovações, aqui o objetivo é outro: deixar estas pessoas felizes em um ambiente seguro, desenvolvendo-as através do cantar e tocar, aplicando o princípio de que a música é uma forma de poder falar para o mundo (Swanwick, 2003).

Finalizando, quero ratificar a minha alegria e consciência de trabalhar desta forma. Recomendo uma eterna vigilância, é preciso aprender a aprender com as situações, com o cotidiano e com as oportunidades que aparecem.

Coloco-me a disposição para interagir da forma que preferirem. Aqui está o meu e-mail e o meu número de whatsapp. Espero poder ter ajudado. 71-988959153, cristtourinho@gmail.com.

Gratidão!

**Referências:**

Delcamp, Jean-François. [www.delcamp.net](http://www.delcamp.net), 2009.

Sem autor. 300 cifras para iniciante. s/d.

Swanwick, Keith. Ensinando Música Musicalmente. Tradução de Alda Oliveira e Cristina. Tourinho. São Paulo, Moderna, 2003.

Tourinho, Cristina e Barreto, Robson. Oficina de Violão, v.1. Salvador, Quarteto, 2003.  
2003.

Carlevaro, Abel. Serie Didactia para Guitarra, v. 3. Técnica da Mão Direita. Buenos Aires, Barry, 1967.

Segóvia, Andrés. Escalas Diatônicas. Buenos Aires, Romero & Fernandes, 1928 (pdf)